



José Gabriel Ávila*
jgazores@gmail.com

Pico e S. Jorge, tão próximos

Há um melro que me acorda com seu estridente trinado, anunciando-me um dia solarengo na Ponta da Ilha.

Estremunhado pela leitura das capas dos jornais, contraste a pacatez do nascer do sol, no horizonte da Ponta do Topo de São Jorge, com o bulício do mundo fustigado pelos malefícios da pandemia que ninguém sabe quando termina, mas que todos comentam.

Por este centro do arquipélago, já não são os efeitos do tempo ruim e invernosos que andam nas bocas do mundo, nem a escassez de uvas e figos que mais uma vez se repete. O tema deste tempo que daqui a cem anos farão parte de uma das épocas da história da humanidade mais destruidora é, sem dúvida, esta incomodidade de ter de falar à distância com cuidados continuados, como se o outro fosse o inimigo número um, com arma sempre apontada aos incautos.

Mesmo assim, esta gente – a gente da minha terra – acolhe quem chega, com grande simpatia.

Os viandantes andam por aí, despreocupados, não fosse esta uma terra farta de espaços e de lonjuras, de matas frondosas, atapetadas de plantas silvestres e pedras negras de currais que outrora deram pão e vinho com fartura, laranjas e viveres que embarcaram, mar fora, em tempos de abundância e em anos de guerras que a memória jamais esquece.

No balcão da adega da Engrade, não me canso de olhar São Jorge – ilha que conheci do Topo às Velas, no tempo em que ia e vinha de Angra – a cidade para os desta Ponta – no final do verão, ou no termo do ano letivo seguinte, a bordo dos iates do Pico.

Quantos tormentos não passei no “Terra Alta”, “Santo Amaro” ou “Espírito Santo”, por não ser bom marinheiro! Desde que o iate largavam do cais do Porto das Pipas, por volta das sete da manhã, até que atracava ao precário porto do Topo, não sei quantas vezes “chamava pelo gregório”, mesmo que o mar estivesse chão.

No início dessas viagens, que duraram uma década, pela costa sul de São Jorge, foi um penar. O iate parava em todos os portos, para descarregar poucos passageiros, animais e carga diversa, e só chegava às Velas por volta das duas da tarde. Um castigo, como diz o povo, uma benção, para quem dependia daquele meio de transporte para receber bens de que a ilha carecia.

Só mais tarde, juntamente com outros viajantes, recorreremos ao táxi para encurtar distâncias. Foi então que apreciámos as íngremes escarpas da Ilha de Francisco de Lacerda, as estradas sinuosas em terra batida e a arquitetura rural semelhante à da ilha em frente.

Essas imagens tenho-as tão presentes que, da minha varanda da Engrade, observando o além-canal, facilmente reconheço a ampliação da Vila da Calheta, o crescimento da Ribeira Seca, das Fajãs dos Vimes e de São João e, lá ao longe, São Tomé porta de entrada de Santo Antão e da Vila do Topo, virada à Terceira e com um novo porto de mar.

As ligações entre o Pico e São Jorge tem-se vindo a desenvolver, graças à frequência diária das ligações marítimas.

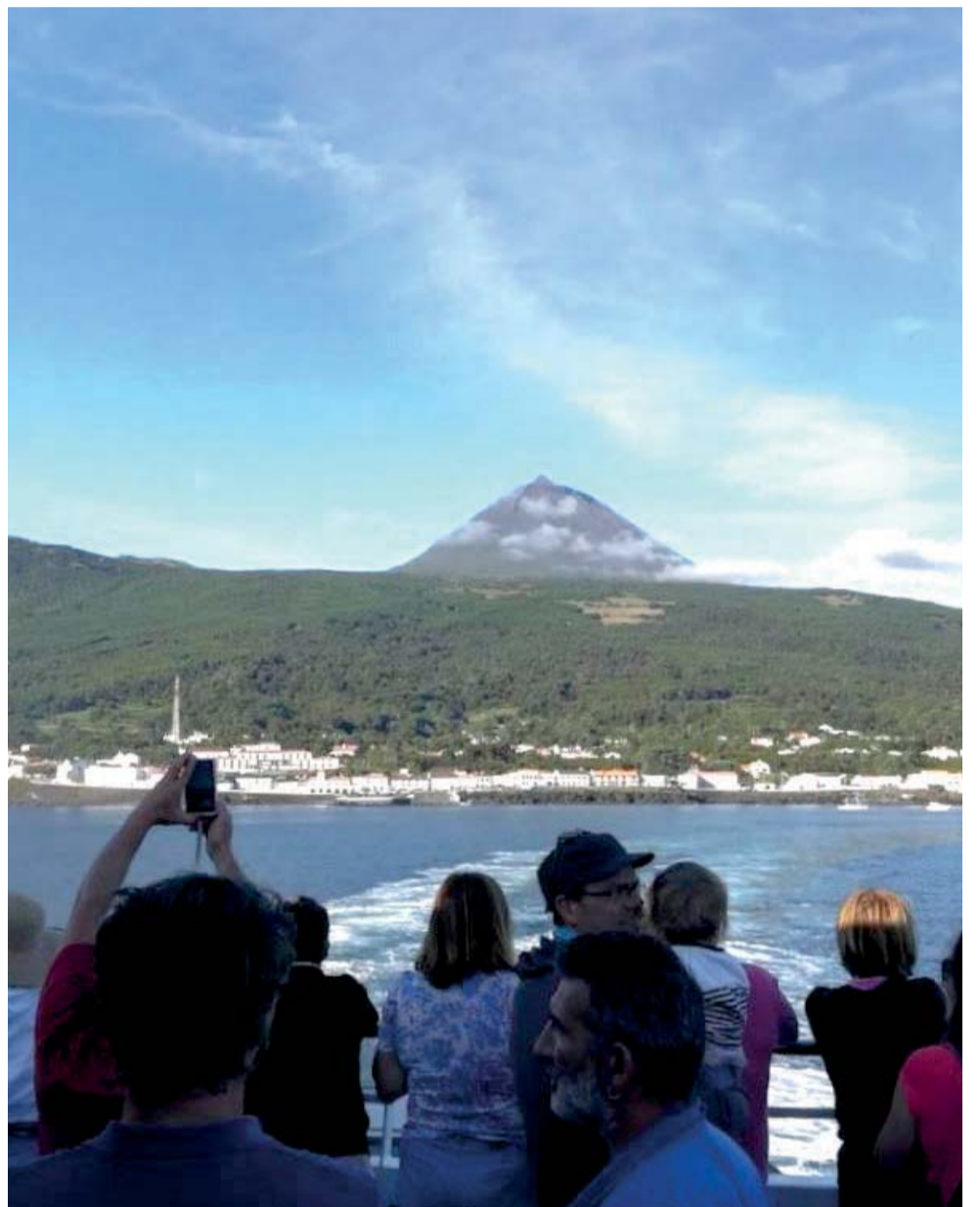
Em anos recuados, desses laços constituíram-se famílias, geraram-se postos de trabalho e fortaleceu-se um relacionamento entre ilhas de ex-distritos diferentes, sujeitas embora a dependências que muito as atrofiaram.

Neste deambular de memórias, importa relevar o que se cimentou na luta comum: a convicção de que o Pico e São Jorge devem reclamar igualdade de direitos nas áreas da saúde, a necessidade de desenvolverem sinergias na economia, em geral, nomeadamente na área dos transportes marítimos e aéreos, e a autonomia na gestão do tecido empresarial de cada uma delas.

Ultimamente, tem havido desenvolvimentos significativos para afirmar a individualidade das duas ilhas.

A autonomização das representações empresariais do Pico e de São Jorge, em relação às Câmaras de Comércio e Indústria da Horta e de Angra, constitui um passo decisivo que, certamente, terá reflexos no funcionamento da administração autonómica. Espera-se que não surjam entraves dos poderes das ex-capitais, onde atua um encapotado centralismo, sem que o admitam os detentores dos poderes.

No setor da saúde, um longo caminho há a percorrer, eventualmente



mais difícil de atingir.

Se admitimos que a prestação de cuidados de saúde diferenciados e os serviços hospitalares melhoraram, significativamente, para bem dos utentes do SRS, não podemos esquecer que essa evolução sacrificou a prestação de cuidados de Saúde Primários feita pelos Centros de Saúde.

As carências são mais evidentes nas ilhas sem Hospital e os prejudicados são os cidadãos, cujos direitos não são igualmente satisfeitos, como os dos residentes nas três ilhas com Hospital.

Esta injustiça, reconhecida oficialmente aquando da distribuição de vacinas, deve ser alterada, sem demora, para que os açorianos das seis ilhas “pequenas” acreditem que a Autonomia assenta e promove políticas de equidade, a mais importante das quais é o direito à saúde ou, por outras palavras, o direito à vida.

Continuo a olhar a pacatez de São Jorge, qual crocodilo deleitando-se na frescura do Atlântico. Ilha de poetas, com e sem nome literário. Ilha de Fajãs, do Além e d’aquém. Ilha com tantas histórias de sucessos e insucessos de migrações, primeiro para colonatos da Cela e do Negage e depois, no dizer do poeta Pedro da Silveira, para “califórnia perdidas de abundância”...

Duas ilhas: Pico e São Jorge, de braço dado nos lamentos, mas cheias de esperança, pois o canal que une o Triângulo é uma estrada aberta a um futuro promissor.

*jornalista c.p. 239 A
<http://escretemdia.blogspot.com>